



## A Análise Crítica de Vídeos

Uma breve introdução à metodologia CineTrabalho

**Giovanni Alves**

“Só se pode subverter o real, no cinema e alhures, se se aceita antes,  
todo o existente, pelo simples fato de existir”  
(Eduardo Coutinho)

“Não tem impulso maior no ser humano que o interesse  
em ser reconhecido e escutado”.  
(Eduardo Coutinho)

A análise dos vídeos do Projeto CineTrabalho impõe como pré-requisito para o analista, a **habilidade de ouvir** e sensibilizar-se pela fala/discurso do outro<sup>1</sup>. Ouvir o outro é uma forma de reconhecimento. Os vídeos do CineTrabalho baseiam-se na fala do outro e no princípio de ouvir o outro. Como observou o cineasta Felipe Bragança: “O falar é sempre um gesto ao vivo, orgânico, onde o corpo, a presença é primordial porque nele estão presentes as pausas, os silêncios, as mudanças de tom facial, o abismo da

---

<sup>1</sup> A fala é a forma pessoal de expressão de cada indivíduo, que possui uma organização própria de pensamentos, ideias, opiniões. A fala segue as regras gramaticais da língua, mas deixa margem para a criatividade e diferenciação na comunicação em função de quem fala. É influenciada pelo contexto, vivências, personalidade e conhecimentos linguísticos do falante, apresentando diversos níveis, desde o mais informal ou coloquial, até o mais formal ou culto.

# Cine Trabalho

proposição política que é a afirmação do espírito como ato, como atualização de afetos diante de qualquer desejo burocrático de univocidade do indivíduo ou de massificação (povo) de quem fala. É o compromisso de quem buscou na memória a possibilidade de uma re-visão do presente”.

A estética dos vídeos do Projeto CineTrabalho inspira-se no cinema de conversação do cineasta Eduardo Coutinho. No livro “Entrevistas com Eduardo Coutinho”, disse o cineasta: “[...] escolhi ser alimentado pela fala-olhar de acontecimentos e pessoas singulares, mergulhadas na contingência da vida.” E ainda: “O imprevisto, o acaso, a relação amigável, às vezes conflituosa, entre os conversadores dispostos, em tese, dos dois lados da câmara – esse é o alimento essencial do documentário que procuro fazer.”. Coutinho diz o que representa seus documentários: “O que está presente nos vídeos é o olhar e escutar pessoas [...] – o Outro social e cultural. Tentar entender o país, o povo, a história, a vida e a mim mesmo, mas sempre fixado no concreto, no microcosmo”. A fala do sujeito é o acontecimento único, que nunca houve antes e nunca haverá depois. A fala das pessoas e seu cotidiano. Mostrar a vida como ela é...Dar àquelas pessoas, a voz que elas podem ter. É fazer a memória do presente”.

Nos vídeos CineTrabalho que se inspiram na estética dos documentários de Eduardo Coutinho, os personagens formulam algumas idéias, fabulam, se inventam, e assim como nós aprendemos sobre eles, eles também aprendem algo sobre suas próprias vidas. Existe um curto-circuito no ato de falar. O real e o imaginário estão entrelaçados. Não se trata da busca da verdade, mas sim conhecer as razões das pessoas e a partir delas, refletir sobre o ser social. É importante estar aberto para ouvir o que é bom ou ruim, não desqualificando previamente a opinião dessa pessoa. Juntar a grande história e a pequena história e aguçar essa separação entre o real e o ideal. E no real, às vezes, as histórias são tão ricas que não há ficção que consiga superar. Interessa a narrativa em si.

Devido o individualismo crasso que permeia a sociedade capitalista do mercado, corrói-se a habilidade de ouvir o outro na sua singularidade e de pôr-se no lugar do outro. Por isso, a estética do vídeo baseada no depoimento pessoal sobre experiências vividas da laboralidade, visa afirmar duas vertentes corroídas pela ideologia do capital: (1) a necessidade da escuta de narrativas do outro-que-trabalha; e (2) a necessidade de dar

visibilidade ao mundo social do trabalho (que, como mundo fetichizado, está envolto numa densa teia de invisibilidade).

## **A Análise Crítica: Para Além da Análise do Discurso (e do Conteúdo)**

Os vídeos CineTrabalho são produzidos e editados para serem documentos audiovisuais voltado para a reflexão crítica sobre o mundo do trabalho. A análise crítica de vídeos do Projeto CineTrabalho – como sendo a metodologia utilizada na reflexão crítica necessária - pode incorporar elementos da *Análise do Discurso*, *Análise de Conteúdo* e inclusive utilizar-se do recurso “nuvem de palavras”. Entretanto, na medida em que é uma Análise Crítica, deve ir além do Discurso (o que implica pressupor a objetividade do ser social) e ir além do conteúdo (o que implica em pressupor uma estrutura ideológica que sustenta a forma das palavras). A realidade social efetiva enquanto ser social e ideologia (determinações reflexivas) sustenta o discurso e o conteúdo da fala dos sujeitos sociais. Não se deve desprezar a Análise de Conteúdo e muito menos a Análise do Discurso, mas se deve utiliza-las reconhecendo os limites indicados acima (a realidade da ideologia e a realidade do ser social).

Vejamos o que é a Análise de Conteúdo e a Análise do Discurso e como elas podem ser – não necessariamente – utilizadas para a Análise Crítica (preliminar) do Vídeo CineTrabalho. O movimento de *crítica* é um movimento dialético pois apropria-se (das técnicas de pesquisa) e vai além do dado empírico (forma do conteúdo ou do discurso). Ir além significa expor – a partir da aparência (epiderme) da fala/discurso (para-si) do sujeito, as categorias fundantes (e fundamentais) do ser social (o em-si).

### *A Análise de Conteúdo*

A Análise de Conteúdo (AC) é uma técnica de pesquisa que trabalha com a palavra, permitindo de forma prática e objetiva produzir inferências do conteúdo da comunicação de um texto replicáveis ao seu contexto social.

Na Análise de Conteúdo, o texto é um meio de expressão do sujeito, onde o analista busca *categorizar as unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, inferindo uma expressão que as representem*. Portanto, a Análise de Conteúdo é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos,

sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção [...] destas mensagens”.

Como técnica de pesquisa, a Análise de Conteúdo mantém-se na forma da expressão do sujeito (palavras ou frases), permanecendo deste modo, na epiderme do ser social, não indo além para apreender as determinações sociais (e ideológicas) que “amarram” a expressão do sujeito. O conteúdo da forma expressiva que torna-se objeto da Análise de Conteúdo, são apenas, em si, manifestações da efetividade do ser social (o que significa que a função da Análise Crítica é ir além).

A Análise de Conteúdo costuma ser feita através do método de dedução freqüencial ou análise por categorias temáticas. A dedução freqüencial consiste em enumerar a ocorrência de um mesmo signo lingüístico (palavra) que se repete com freqüência, visando constatar “a pura existência de tal ou tal material lingüístico”, não preocupando-se com o “sentido contido no texto, nem à diferença de sentido entre um texto e outro”, culminando em descrições numéricas e no tratamento estatístico.

A análise por categorias temáticas feita pela Análise de Conteúdo tenta encontrar “uma série de significações que o codificador detecta por meio de indicadores que lhe estão ligados; [...] codificar ou caracterizar um segmento é colocá-lo em uma das classes de equivalências definidas, a partir das significações, [...] em função do julgamento do codificador [...] o que exige qualidades psicológicas complementares como a fineza, a sensibilidade, a flexibilidade, por parte do codificador para apreender o que importa”.

A análise categorial é o tipo de análise mais antiga e na prática, a mais utilizada. “Funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamento analógicos”. A análise categorial poderá ser temática, construindo as categorias conforme os temas que emergem do texto. Para classificar os elementos em categorias é preciso identificar o que eles têm em comum, permitindo seu agrupamento. Este tipo de classificação é chamado de análise categorial.

A técnica de Análise de Conteúdo se compõe de três grandes etapas: (1) a pré-análise; (2) a exploração do material; e o (3) o tratamento dos resultados e interpretação.

# Cine Trabalho

A primeira etapa é a fase de organização, que pode utilizar vários procedimentos, tais como: leitura flutuante, hipóteses, objetivos e elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação. Na segunda etapa os dados são codificados a partir das unidades de registro. Na terceira etapa se faz a categorização, que consiste na classificação dos elementos segundo suas semelhanças e por diferenciação, com posterior reagrupamento, em função de características comuns. Portanto, a codificação e a categorização fazem parte da Análise de Conteúdo. Na utilização da Análise de Conteúdo “o que é visada no texto é justamente uma série de significações que o codificador detecta por meio dos indicadores que lhe estão ligados”.

A Análise de Conteúdo trabalha tradicionalmente com materiais textuais escritos. Existem dois tipos de textos que podem ser trabalhados pela AC: os textos produzidos em pesquisa, através das transcrições de entrevista e dos protocolos de observação, e os textos já existentes, produzidos para outros fins, como textos de jornais.

## *A Análise do Discurso*

A Análise do Discurso é uma disciplina de interpretação fundada pela intersecção de epistemologias distintas pertencentes à área da *linguística*, *do materialismo histórico e da psicanálise*. Da *linguística* deslocou-se a noção de fala para discurso (o que significa que na análise crítica do vídeo devemos, a partir da fala, apreender o discurso do sujeito); *do materialismo histórico*, emergiu a teoria da *ideologia*<sup>2</sup> (a análise crítica do discurso do sujeito implica num primeiro momento, operar o reconhecimento de traços da ideologia dominante como elemento constitutivo da vida social); e da *psicanálise* veio a noção de inconsciente (a Análise do Discurso trabalho com o de-centramento do sujeito<sup>3</sup>).

---

<sup>2</sup> Para a Análise do Discurso (AD), a **ideologia** é entendida como sendo o posicionamento do sujeito quando se filia a um discurso, sendo o processo de constituição do imaginário que está no inconsciente, ou seja, o *sistema de idéias que constitui a representação*; a história representa o contexto sócio histórico e a linguagem é a materialidade do texto gerando “pistas” do sentido que o sujeito pretende dar. Portanto, na AD, a linguagem vai além do texto, trazendo sentidos pré-construídos que são ecos da memória do dizer. Entende-se como memória do dizer o interdiscurso, ou seja, a memória coletiva constituída socialmente.

<sup>3</sup> Freud realizou o abalo do estatuto de soberania do eu, da consciência e da razão com uma nova concepção sobre o inconsciente. Com essa concepção freudiana, na qual o inconsciente passa da condição de apêndice da consciência à estrutura particular e determinante da subjetividade, o sujeito se torna cindido em duas formas de funcionamento, a consciente e a inconsciente, e subjugado à primazia desta. Assim, um ponto fundamental e inaugural da teoria freudiana é a noção de clivagem da subjetividade, através da formulação do inconsciente enquanto um sistema psíquico regido por leis próprias, instaurando um afastamento e um decentramento de outro sistema, a consciência. Essa divisão em instâncias psíquicas diferenciadas e

Para a Análise do Discurso, a *linguagem* não é um meio neutro de refletir ou descrever o mundo. Indicamos como suporte teórico para expor a Análise do Discurso, a linha francesa de Michel Pêcheux.

Mais do que a Análise de Conteúdo, a Análise do Discurso pode contribuir – e muito – para a Análise Crítica do Vídeo CineTrabalho na medida em que o processo de análise discursiva do vídeo CineTrabalho tem a pretensão de *interrogar os sentidos* estabelecidos na materialidade discursiva do sujeito que fala, articulando, o linguístico com o social e o histórico, na qual a linguagem é estudada, não apenas enquanto forma linguística como também enquanto forma material da ideologia a parti do qual podemos apreender a materialidade do discurso.

A Análise do Discurso, diferentemente da Análise de Conteúdo, trabalha com o sentido e não com o conteúdo do texto discursivo que é produzido (um discurso é sempre pronunciado a partir de *condições de produção* dadas). Assim, deve-se entender a Análise do Discurso pela equação *ideologia + história + linguagem*.

A abordagem da Análise do Discurso é bastante interessante para a Análise Crítica. Por exemplo, tal como a Análise do Discurso, a Análise Crítica deve, num primeiro momento, apreender o estado definidor das condições de produção do discurso como ideologia, tendo em vista que todo *dizer* é ideologicamente marcado. Neste contexto, o sujeito que fala ou o sujeito do discurso não é individual, mas sim, é *assujeitado ao coletivo*, ou seja, esse assujeitamento ocorre no nível inconsciente, quando o sujeito se filia ou interioriza o conhecimento da construção coletiva, sendo porta-voz daquele discurso e representante daquele sentido.

---

antagônicas, indicativa de uma subjetividade essencialmente clivada, refere-se a uma cisão de regimes, de dois modos diferentes de funcionamento do psiquismo (Garcia-Roza, 2001). Essa é a proposta de Freud sobre o inconsciente: caracterizá-lo como uma instância psíquica marcada por uma particular maneira de operar, regulado por leis diferentes daquelas ordenadoras da consciência. Além de ser caracterizado como um sistema com lógica própria e, via de regra, adversa à da consciência, o inconsciente, para Freud, é o que genuinamente constitui a subjetividade, e não apenas um indesejável detalhe da mesma. Nesse caso, o decentramento do eu e da consciência e a quebra da apregoada unidade da subjetividade promovem um novo ordenamento: subjetividade cindida e primordialmente regida pelo inconsciente. É na sua obra *Interpretação dos Sonhos*, particularmente em seu Sétimo Capítulo, que Freud (1900/2007a) apresenta claramente essa concepção do aparelho psíquico dividido em instâncias, pré-consciente/consciente e inconsciente, e elabora a sintaxe própria do inconsciente

# Cine Trabalho

Entende-se como *assujeitamento* de acordo com a Análise do Discurso, o “[...] movimento de interpelação dos indivíduos por uma ideologia, condição necessária para que o indivíduo torne-se sujeito do seu discurso ao, livremente, submeter-se às condições de produção impostas pela ordem superior estabelecida, embora tenha ilusão de autonomia”.

Para Pêcheux *a língua é a forma de materialização da fala*, contando com os planos *material e simbólico*; o discurso produzido pela fala sempre terá relação com o contexto sócio-histórico. A língua (e a fala) é considerada opaca e heterogênea, conseqüentemente, ela não é transparente e homogênea como muitas vezes aparenta ser; isto faz com que ela seja “capaz de equívoco, de falha, de deslizes” (a ideologia oculta).

De acordo com a Análise do Discurso, o equívoco é contra a idéia do sentido único do enunciado; este permite leituras múltiplas. O sentido não está “colado” na palavra, é um elemento simbólico, não é fechado, nem exato, portanto sempre incompleto; por isso o sentido pode escapar. O enunciado não diz tudo, *devendo o analista buscar os efeitos dos sentidos e, para isso, precisa sair do enunciado e chegar ao enunciável através da interpretação*.

Entretanto, surge uma diferença entre a Análise do Discurso e a Análise Crítica: o “enunciável”, de acordo com a análise crítica, não diz respeito ao plano do discurso, mas sim, a algo para-além-discurso, o ser social e suas categorias histórico-ontológicas capazes de expor não apenas as condições materiais (e simbólicas) de produção do discurso, mas as condições materiais de produção do sujeito assujeitado pela ideologia).

A Análise do Discurso diz que o enunciado leva ao enunciável e vice-versa. Deste modo, corre-se o risco de cair num “jogo de espelhos” e num relativismo (e subjetivismo) que caracteriza as abordagens pós-modernistas que suprimem a verdade em-si da objetividade social, esvaziando-a e reduzindo-a às leituras diversas (enunciados) na perspectiva de subjetividades hipertrofiadas. A Análise Crítica adota uma perspectiva histórica-ontológica rompendo com as abordagens gnosiológicas.

De acordo com a Análise do Discurso, a formação discursiva constitui-se na relação com o *interdiscurso* e o *intradiscurso*. O interdiscurso significa os saberes constituídos na memória do dizer; sentidos do que é dizível e circula na sociedade; saberes

# Cine Trabalho

que existem antes do sujeito; saberes pré-construídos constituídos pela construção coletiva. O intradiscurso é a materialidade (fala), ou seja, a formulação do texto; o fio do discurso; a linearização do discurso (o interdiscurso é a materialidade cultural e simbólica na qual está subsumido o sujeito da fala, “suporte” do intradiscurso).

O gesto de interpretação é assumido, sendo um gesto simbólico que dá sentido fazendo a significação. “Não há sentido sem interpretação”, portanto deverá sempre existir uma interpretação para dar visibilidade ao sentido que o sujeito pretendeu transmitir no seu discurso. Na interpretação, é importante lembrar, o analista é um intérprete, que faz uma leitura também discursiva influenciada pelo seu afeto, sua posição, suas crenças, suas experiências e vivências; portanto, a interpretação nunca será absoluta e única, pois também produzirá seu sentido.

Entretanto, na perspectiva da Análise Crítica, o sentido produzido pelo analista, embora não seja imparcial, deve estar comprometido com a *objetividade*, isto é, para além-do-sentido do afeto, crenças e experiências do analista. Na perspectiva dialético-materialista, para além das interpretações, existe o ser social com sua objetividade para além do para-si do sujeito.

Enquanto a Análise do Discurso relativiza as interpretações do sentido, pois seu foco é o sujeito para-si (o plano da linguagem), a Análise Crítica admite que o para-si do sujeito é parte compositiva da efetividade processual do ser social (a matéria social).

Portanto, a *Análise Crítica dos Vídeos CineTrabalho* pode identificar eixos temáticos que compõem o material discursivo dos sujeitos da narrativa. Estes eixos temáticos não são meras marcas linguísticas ou “marca do discurso”, mas expressões categoriais da objetividade do ser social que se manifestam por meio do discurso dos sujeitos. Não se trata de recortes gnosiológicos mas sim de marcas sócio-ontológicas que compõem a experiência narrada da condição existencial de proletariedade. É claro que existe marcas no discurso, mas tais marcas – na medida em que se relacionam com o contexto sócio-histórico e o ser do modo de produção capitalista – são marcas da proletariedade que se manifestam no no material languageiro.

As “condições” de produção do discurso dos Vídeos CineTrabalho fazem parte do próprio corpus sócio-histórico que produziu efetivamente os sujeitos que falam. Após ter



delimitado o eixo temático na perspectiva histórico-materialista, o analista opera “recortes discursivos”, onde se representam linguagem e situação objetiva da proletariedade (como elemento do ser social). O recorte resulta da teoria histórico-materialista que explica o mundo do trabalho e é uma “construção” do analista – ou a rigor, uma apreensão objetiva da condição existencial que vai além da “formação discursiva” e seus sentidos heterogêneos.

Existem regularidades das “marcas linguísticas” – como diria a Análise do Discurso. As regularidades que aparecem no discurso fazem parte da identidade do discurso acessado pelo sujeito, trazendo sentidos pré-construídos que figuram na memória do dizer do ser social – ou sendo preciso, o dizer da proletariedade como condição objetivo-existencial. A interpretação deverá ser feita sempre entre o interdiscurso e o intradiscurso chegando às posições (discursivas) representadas pelos sujeitos no interior do campo objetivo da condição existencial (a proletariedade).

Enquanto técnica, como temos salientado, a Análise do Discurso não vai trabalhar com a forma e o conteúdo, mas irá buscar os efeitos de sentido que se pode apreender mediante interpretação. A Análise de Discurso salienta que a interpretação sempre é passível de equívoco, pois embora a interpretação pareça ser clara, na realidade existem muitas e diferentes definições, sendo que os sentidos não são tão evidentes como parecem ser. Entretanto, caso consigamos ir além do sentido linguístico (ou gnosiológico) do discurso, só existe uma interpretação não passível de equívoco, pois diz respeito à objetividade material do ser social.

Na Análise do Discurso existe o *corpus de arquivo e empírico*. Quando se analisa o material já existente como documentos, legislação, pronunciamentos em jornal, livros e outros, refere-se ao corpus de arquivo; se o material é construído especialmente para a pesquisa, como por exemplo, através de entrevista, refere-se ao corpus empírico, experimental – é caso dos vídeos CineTrabalho.

### *Análise de Conteúdo, Análise do Discurso e Análise Crítica*

Existem diferenças entre a Análise de Conteúdo e a Análise de Discurso. A maior diferença entre as duas formas de análises é que a Análise do Discurso trabalha com o sentido e não com o conteúdo; já a Análise de Conteúdo trabalha com o conteúdo, ou

# Cine Trabalho

seja, com a materialidade lingüística através das condições empíricas do texto, estabelecendo categorias para sua interpretação.

Enquanto a Análise do Discurso busca os efeitos de sentido relacionados ao discurso, a Análise de Conteúdo fixa-se apenas no conteúdo do texto, sem fazer relações além deste. A Análise do Discurso preocupa-se em compreender os sentidos que o sujeito manifesta através do seu discurso; já a Análise de Conteúdo espera compreender o pensamento do sujeito através do conteúdo expresso no texto, numa concepção transparente de linguagem.

Por outro lado, a Análise Crítica trabalha – tal como a Análise do Discurso – o sentido, mas numa perspectiva histórico-materialista capaz de ir além do discurso, apreendendo na fala do sujeito, as categorias sócio-ontológicas da condição de proletariedade.

Na Análise de Discurso, a linguagem não é transparente, mas opaca, por isso, o analista de discurso se põe diante da opacidade da linguagem. O analista ao utilizar a AD fará uma leitura do texto enfocando a posição discursiva do sujeito, legitimada socialmente pela união do social, da história e da ideologia, produzindo sentidos.

A Análise Crítica compartilha tal perspectiva crítica – a opacidade da linguagem deve ser entendida num sentido dialético, como movimento de contradição onde a posição discursiva do sujeito não apenas legitima como estrutura (o sentido), o social, a história e a ideologia, mas põe marcas (ditas ou não-ditas) de caráter sócio-ontológico a partir do qual se desvela a condição existencial do sujeito proletário.

A Análise Crítica deve *ir além* (superar/conservar) do dado lingüístico, ideológico ou inconsciente, situando a pessoa que trabalha/sujeito que fala (ou a prática discursiva) no contexto histórico-social concreto do determinado ser social (a formação social com suas determinações histórico-culturais, ideológico-político e jurídicas).

## CineTrabalho e a Análise Crítica da Proletariedade<sup>4</sup>

A idéia do CineTrabalho é utilizar a narrativa das pessoas como pré-texto para refletir sobre o mundo do trabalho e a sociedade capitalista no Brasil de forma concreta. A experiência vivida e a experiência percebida das pessoas são o ponto de partida da elaboração crítica que deve ir além do dado concreto (a narrativa pessoal). A partir da fala/discurso do outro podemos apreender elementos da objetividade social, isto é, as categorias sociais que dão sentido – no plano sociológico - às experiências concretas e singulares do sujeito que fala (por exemplo, a narrativa do cotidiano de trabalho pode nos permitir apreender na sua concretude, as formas de exploração, auto-exploração, a precariedade salarial ou as dimensões da precarização do trabalho).

Os vídeos CineTrabalho possuem *intertítulos* que representam a organização temática do discurso narrativo. Isto facilita a reflexão do analista pois dirige o olhar sociológico para eixos temáticos expostos no documento audiovisual. É claro que alguns intertítulos tem apenas a função de organizar a exposição da narrativa, mas a maior parte deles seleciona por temas, o fluxo narrativo das pessoas, podendo ser “ganchos” para uma reflexão crítica.

No processo de análise do vídeo recomenda-se anotar e destacar passagens do discurso (fala) dos sujeitos que são significativas, utilizando-as como *ponto de reflexão crítica*. Todo vídeo contém vários pontos de reflexão crítica a partir dos quais podemos discorrer sobre as formas de ser do mundo social do capital e as manifestações das relações sociais que lhe são constitutivas.

A idéia da análise crítica como sendo a análise capaz de “ir além do discurso”, significa discorrer sobre *os fundamentos sócio-históricos da prática discursiva dos sujeitos*. Algumas vezes, a fala do sujeito é uma representação ideológica que opera no interior de uma totalidade social concreta a qual devemos analisar para operar a própria significação do discurso do sujeito (o sentido da fala). Fazer a *crítica* – no sentido

---

<sup>4</sup> Para o conceito de proletariedade, vide o livro “A condição de proletariedade: A precariedade do trabalho no capitalismo global”, de Giovanni Alves (Praxis, 2008), onde deve-se encontrar a formulação da analítica existencial da proletariedade (objetividade do capital, conceito de alienação/estranhamento e atributos existenciais da proletariedade).

# Cine Trabalho

dialético -significa ir além do discurso do sujeito e sua ideologia, ou ainda, ir além do sentido da fala, resgatando sua significação no plano do ser social.

Para além da *crítica ideológica* que possamos fazer, na maioria das vezes, os sujeito da fala *não sabem* o que dizem, no sentido de que o discurso da pessoa *traduz* no plano da experiência vivida, *atributos existenciais* da *condição de proletariedade* (o sujeito tem a ilusão de ser dono de seu discurso e de ter controle sobre ele, porém não percebe estar dentro de um contínuo, porque todo discurso como expressão simbólica da objetividade do capital, já foi dito antes). Portanto, a análise crítica do vídeo pode contribuir para expor como *categorias vividas*, elementos (ou atributos existenciais) daquilo que denominamos de condição de proletariedade.

30/11/2019

**Modelo de Artigo**

**Análise Crítica do Vídeo CineTrabalho**